



Director literario:

*António Maria dos Reis*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Alvaro Collares*  
PAPUSSE



# O gato vaidoso

POR ANTÓNIO MARIA DOS REIS

DESENHOS DE TIO-TÓNIO

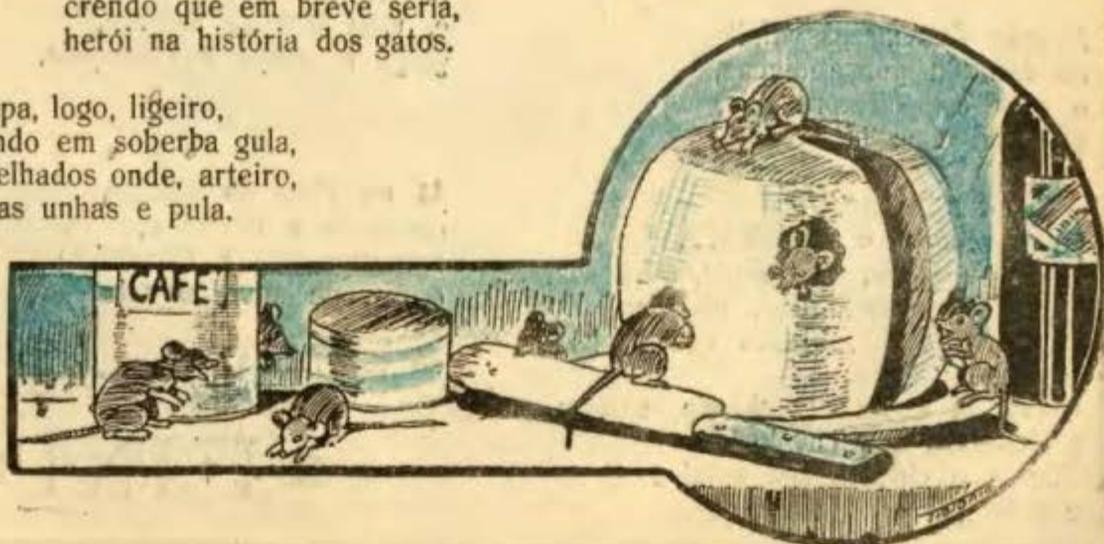
CERTOQ maltês, tendo em conta,  
altas prendas que não tinha,  
cuidou ser de pouca monta,  
o caçar uma andorinha.

Pôs de parte um belo dia,  
feitos comuns e baratos,  
crêndo que em breve seria,  
herói na história dos gatos.

E trepa, logo, ligeiro,  
ardendo em soberba gula,  
aos telhados onde, arteiro,  
afia as unhas e pula.

Cada andorinha que passa,  
inda o palerma se ilude,  
mas sempre lhe foge a caça,  
cada vez com mais saúde.

E que troça... troça imensa,  
fazem de tanta vaidade,  
os ratinhos na dispensa  
roendo queijo à vontade!...



# TIPOS LISBOETAS

O  
SO-  
TA



POR

AUGUSTO DE SANTA RITA

DESENHO DE TIO-TÓNIO

COM destreza e com despacho  
eis o sota a saltar:—upa...!  
à garupa  
do seu macho:

—«Tac-tac-tac-tac...  
rua acima, rua abaixo,  
à procura de quem queira,  
na ladeira,  
o seu macho  
em dianteira!

Apesar de «massas» falto,  
de ser um pobre diacho,  
o sota está sempre alto,  
olha de cima p'ra baixo!

—Tac-tac-tac-tac...  
pelas rampas e calçadas...  
—«Quer, uma ajuda, ó freguez?!...»  
As suas bêstas, coitadas,  
vão-se-lhe abaixo dos pés!

—«Vá lá a ver!... Atrêla, amarra  
a dianteira aos cavalos!»  
Põe-se o chicote aos estálos  
e principia a algazarra:

—«Upa, upa, upa, arriba!  
anda macho  
que te racho,...  
que te escacho,  
eh diacho;  
upa, upa, arriba, upa!

Ô-ô-ô-ô-ô-ôh!...

Arqueia o macho o seu dorso,  
f'rindo lume na calçada,  
e, num titânico esforço,  
galga a rampa a carroçada.

Já no cimo da ladeira,  
desatrela a dianteira,  
com ligeireza e despacho;  
e eis, de novo, o sota:—upa...  
na garupa  
do seu macho!

■ FIM ■

# DESFOLHADA

## CANÇÃO

Para bandolin  
ou violino

Letra e música de  
RAUL REIS DE OLIVEIRA

To-dos sa-mi-nham pra ei-ra nu-ma  
 a-le-gre ro-ma-ria Vão fa-zer a des-fol-ha-da na mais  
 com-ple-ta har-mo-nia Em vol-ta das ma-ça-ro-cas  
 to-dos se a-sse-n-tam no chão e põ-em-se a des-fol-har.  
 lo-go ao som desta can-ção: De- pois de se ter  
 cre-a-do com seu ri-gor e cui-da-do "In-da vai dar  
 que fa-zer; o mi-lho é pa- ra dar pão, Os ca-pê-los p'ra  
 o col-chão os ca-ro-los par' ar-der de-

I

II

I

II

**T**ODOS caminham p'ra eira  
numa alegre romaria,  
vão fazer a desfolhada  
na mais completa harmonia.

Em volta das maçarocas  
todos se assentam no chão,  
e põem-se a desfolhar  
logo ao som desta canção:

É deles maior desejo  
tirar pretas maçarocas,  
pra poderem dar um beijo  
nas lindas caras larocas!

E assim muito alegremente,  
rapazes e raparigas  
dão começo ao bailarico  
ao som de várias cantigas!

III

III

Depois de ser ter criado  
com seu rigor e cuidado,  
inda vai dar que fazer;  
o milho é para dar pão...  
os capêlos p'ra colchão...  
e os carolos para arder!

Depois de se ter criado,  
com seu rigor e cuidado,  
inda vai dar que fazer;  
o milho é para dar pão...  
os capêlos p'ra colchão...  
e os carolos para arder!

## AIDVINHA

Caminhava um homem por uma estrada e, ao deparar  
com uma capela de almas, fez o seguinte pedido:

— Almas duplicai-me o dinheiro que levo no bolso que  
eu vos darei um vintem. Imediatamente o homem foi aten-  
dido.

Mais adiante encontrou segunda capela e fez igual pe-  
dido que logo foi satisfeito.

Encontrando terceira capela e, depois de satisfeito igual  
pedido, verificou que nada lhe restava.

Quanto levava o homem ao sair de casa?

Por cópia Julio Duarte Rendeiro, 9 anos de idade





exageradamente curto que, de costas, qualquer a tomaria por rapaz. No entanto, João achava-a encantadora e de bom grado a pediria em casamento se não fosse tão tímido. O sr. Pereira, pai da pequena, tinha um lenço de seda azul que ele nunca largava, porque lho bordara sua falecida esposa. Certa tarde, João ondulava a curtíssima cabeleira de Maria Orlanda, quando ela notou que o pai não tinha o lençinho na algibeira. Foi um reboliço medonho naquela casa! Andou tudo numa roda viva em busca do lenço, e nada... João teve, então, uma idéia luminosa, ao ouvir o sr. Pereira dizer, teatralmente:

Dou a mão da minha filha a quem me achar o meu querido lenço!

A mão de Maria Orlanda! O ideal de João! Correu, logo, a casa, trouxe a cadelinha que herdara e, chegando-lhe ao focinho outro lenço do patrão, gritou: Busca, «Mimosa», busca!...

«Mimosa» partiu como uma sêta. O dono, o sr. Pereira e, a filha correram atrás dela. «Mimosa» chegou à porta do teatro Sá de Bandeira, onde o sr. Pereira fôra nessa tarde comprar um camarote, e, pegando, delicadamente, com os dentes no lenço, que jazia a um canto, foi logo levá-lo ao dono. O sr. Pereira abraçou João, chamando-lhe seu querido genro. O rapaz, comovido, não se atrevia a levantar os olhos, realmente belos, das biqueiras das botas amarelas, que mal se viam sôb as larguíssimas calças côr de camarão. Maria Orlanda, para disfarçar a comoção, acendeu um perfumado cigarro. Pouco depois casaram e, devido à «Mimosa» apenas, João era, agora, realmente rico e feliz.

Mas deixemos Maria Orlanda e João e vamos a vêr o que teria sucedido aos outros irmãos. José fôra para Coimbra onde se fizera «chauffeur» de duas senhoras americanas, tia e sobrinha. A tia, «mistress» Geórgia, teria cinquenta anos e era ainda notavelmente bela. Os seus cabelos de prata, artisticamente penteados, davam-lhe um ar aristocrático ao rpsto ainda fresco. Trajava sempre de preto. Miss Anette, era uma rapariga elegante, mas não exageradamente moderna como Maria Orlanda. Toda a sua pessoa tinha um ar deliciosamente feminino. Possuía uma magnífica cabeleira castanha, que nunca se resolvera a entregar às irreverentes tesouras dos cabeleireiros, e que lhe emoldurava o rosto sempre risonho. Adorava o automobilismo e guiava admiravelmente. Todas as manhãs dava longos passeios, no seu elegante «Berliet», que ela mesma guiava. José

acompanhava-a sempre. Em breve o jóvem espanhol se sentiu enamorado da gentil americana. Anette também se sentia alraida para ele mas nem um, nem outro se atreviam a declarar-se. Ora, miss Anette, tinha uma prima miss Nancy que a odiava, porque «mistress» Geórgia só a Anette deixava a sua imensa fortuna. Se Anette morresse, toda a fortuna seria para miss Nancy. Embora Nancy odiasse a prima, fingia-se muito sua amiga e raro era o dia em que a não ia visitar. Devemo-nos lembrar que José tinha um gatinho, um tigre lindíssimo. Miss Anette vira-o um dia e pedira ao seu «chauffeur» que deixasse andar o gatinho à vontade no palacete. Em breve, Anette e o «Tenente», assim se chamava o maltês, se tornaram os melhores amigos do mundo. Miss Nancy resolveu envenenar a prima e uma tarde levou-lhe uns doces que Anette muito apreciava. Dentro dêles ia a morte da pobre pequena. Contra o seu costume, naquela tarde, Nancy não se demorou e Anette, ficara brincando sobre o felpudo tapete. Ao presentir o aroma apetitoso dos doces, saltou para cima da mēsa, rasgou com as patitas o papel, e dispôs-se a comer os doces. Súbito, o dorso do gatinho sofreu um rápido estremecimento, e o «Tenente», tombou sem vida. Anette, ao voltar, vendo o gato morto e os bolos espalhados, compreendeu as manobras de Nancy. Pegou no «Tenente» e correu, lavada em lágrimas, ao gabinete da tia. José estava com ela, recebendo ordens. Anette contou-lhe tudo entre soluços. Ao verem-se juntos, depois do perigo por que ela acabava de passar, Anette e José, correram um para o outro e abraçaram-se a chorar. Tinham corrido, instintivamente, um para o outro, sem repararem em «mistress» Geórgia que os olhava entre severa e risonha. Por fim casaram, e, devido unicamente ao «Tenente», José era finalmente feliz e milionário.

O mais novo dos três irmãos, empregara-se numa sapataria, em Braga. O dono da casa tinha uma irmã muito formosa, como caixeira na sapataria. O sr. Paiva era muito nervoso e, à mais pequena arrelia que tivesse, dava-lhe um ataque que só passava quando alguém lhe tocava ou cantava alguma ária conhecida. Jaime e Joaquina namoravam-se às escondidas. Certa tarde, o sr. Paiva surpreendeu uma carta de Joaquina para o Jaime. Quiz ralar, mas um forte ataque o fez cair redondamente no chão. Joaquina e Jaime acudiram. Que fazer?! Joaquina estava rouca e Jaime era pouco amador de canto. Não perdeu, porém, a serenidade. Foi à oficina buscar o realejo e pôs-se a tocar, desabalada-



mente, a «Rita e o Manecas». Ouvindo o realejo milagroso, o sr. Paiva voltou logo a si. Vendo que Jaime tinha um tal realejo, pensou que lhe seria útil ter um cunhado que tivesse sempre à mão um remédio para lhe acalmar os nervos. Concedeu-lhe a mão de Joaquina. Também este já estava rico e feliz, devido ao realejo. Saíra certo o que a cigana predissera.

Dez anos se passaram. A porta da casita que os três possuíam, em Amoedo, parara um luxuoso auto. Dêle se apearam um elegante cavalheiro, uma senhora envolta em vistosas peles e duas crianças. Eram José, sua esposa e os pequenos Paulo e Maria Antonieta, seus filhos.

— «Faz hoje dez anos, querida Anette, que me separei de meus irmãos. Ricos ou pobres jurámos encontrarmos-nos, hoje, aqui. Eu sou feliz e eles?!»

— «Papá, gritou Maria Antonieta», aproxima-se outro automovel!...

Pouco depois chegavam junto do auto, que já lá estava o auto que conduzia João, Maria Orlanda e sua filha Gisela. Mal tiveram tempo de se abraçar quando chegou ainda outro com Jaime e Joaquina. Oito dias depois, os três irmãos, esposas e filhos, reuniram-se num banquete em casa de José.

E aqui têm, como duma herança tão mesquinha, se fizeram três fortunas magníficas.

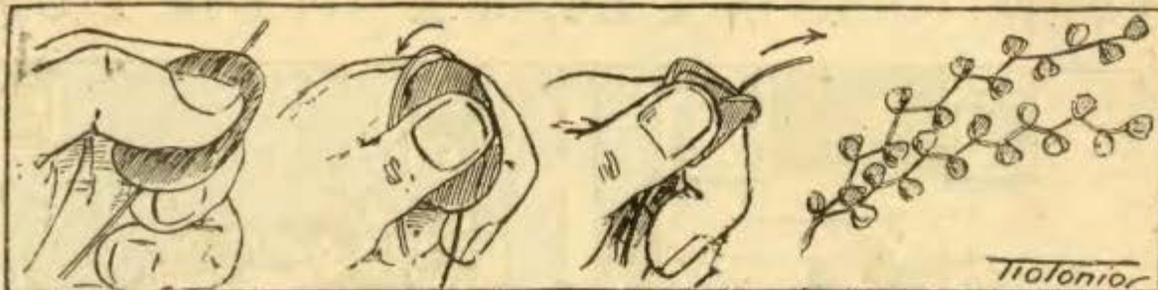
F I M

PARA OS MENINOS TRACEJAREM



T. Tonio

# HORA DE RECREIO



Tiotonio

## PALAVRAS CRUZADAS

## Mais flôres de papel

Estão na berlinda as leitoras do Pim-Pam-Pum e têm razão.

Os rapazes já foram muito beneficiados.

Hoje, temos flôres de papel! São de um lindo efeito decorativo mesmo para casas... a sério.

### Materials:

— Papel plissado de côr, (o vermelho é o que melhor condiz) que custa em qualquer papelaria, aproximadamente, 1\$00.

— Arame dourado, de cobre, que também não é caro.

O papel é cortado às rodélas, com o diâmetro de uma moeda de 50 centavos, pouco mais ou menos.

As fases da confecção das flôres, observam-se na gravura.

É bom notar que o arame dá uma volta sobre o papel, prendendo-o e não o papel sobre o arame.

As flôres são mais ou menos apertadas nos dedos, conforme se querem mais largas ou mais estreitas.

Brevemente: Um relógio de parede que anda sozinho!...

Tiotonio

## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS E ADIVINHAS ANTERIORES

R	U	A		M	A	R
U	I		J		S	O
I			U	S		U
M			L	A		B
	D	O	I	S		A
R			A			D
I	R				S	O

MORENITA

### PROBLEMA N.º 2

- Portalegre
- Tomar
- Odémira
- Lisbôa
- Ovar
- Beja
- Loulé
- Marvão
- Peniche
- Lamego
- Coimbra
- Estremós
- Setubal
- Guarda
- Vizeu
- Elvas
- Cascais
- Espozende
- Espinho
- Evora
- Leiria
- Pombal
- Estarreja
- Maíra
- Barzeiro
- Portimão
- Silves
- Santarem
- Pinhel
- Sintra
- Almada
- Penamacôr
- Guimarães
- Moncôrvo

Decifração da advinha: — Espelho.

## PROBLEMA

Palavras a lêr horizontalmente no

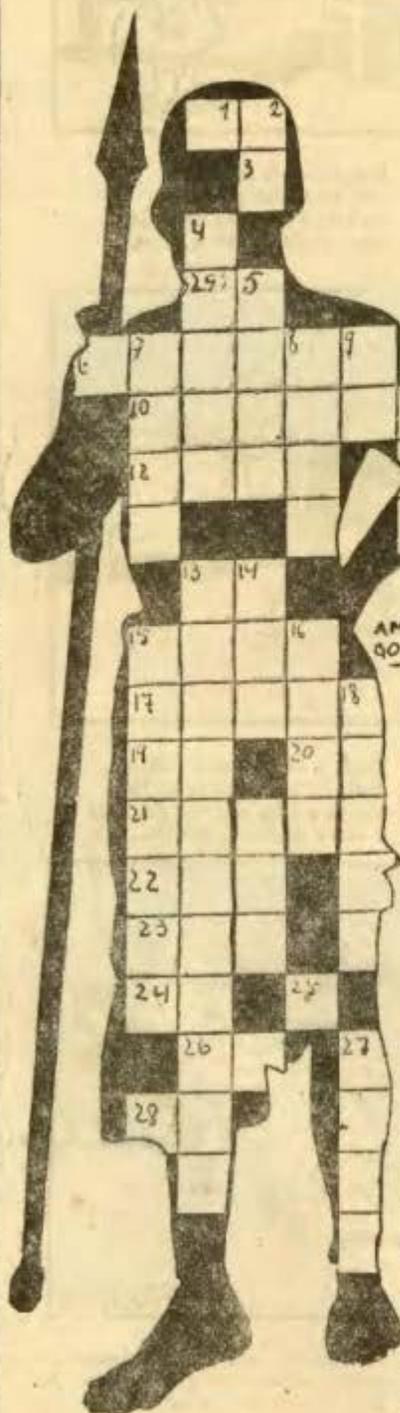
Indígena

- do verbo haver
- vogal
- peixes vulgares nos rios
- amôr poetico e suave

- uma vogal entre três consoantes
- pronome
- o que se apaga ao fogo
- grilhela
- nota musical
- interjeição
- profundidade
- imam
- uma vogal e outra consoante
- vogal
- nota musical
- idem
- vossemecê.

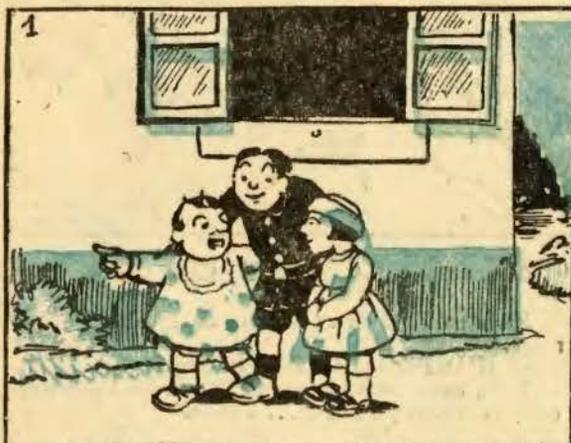
Palavras a lêr verticalmente

- interjeição
- burel de côr parda
- ave pernalta
- auto
- courela
- nota musical
- panela
- aplicação do endiômetro
- gemido
- a voz passiva
- duas vogais e duas consoantes
- vestido de creança
- ave galinácea brasileira.



AMÉRICO GONÇALVES

# AVENTURAS DE PIM, DE PAM E DE PUM!

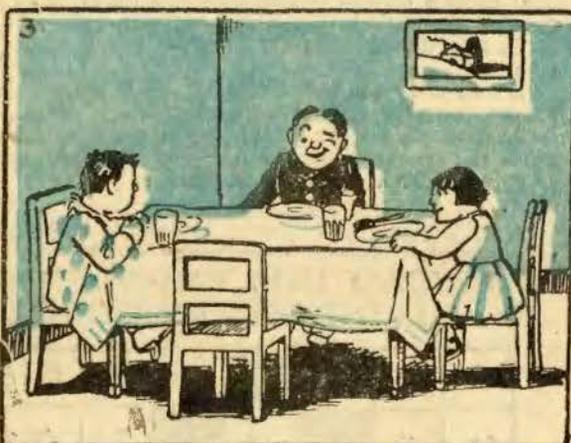


1 Pim Pam e Pum que há já muito não fazem uma pilhéria, resolvem, com mau intuito, procurar D. Pulquéria.

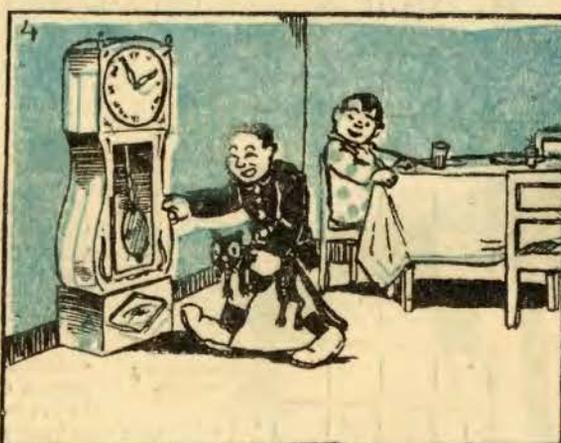


2 Com os olhitos em brasa, diz o Pim, como a saudar: nós vimos entrar-lhe em casa só para a cumprimentar.

Pulquéria reconhecida por tamanha gentilêsa, os três pequenos convida para sentarem-se à mesa.



3 Enquanto D. Pulquéria vai buscar latas de atum, a nossa Pam, muito séria, pisca um dos olhos ao Pum.



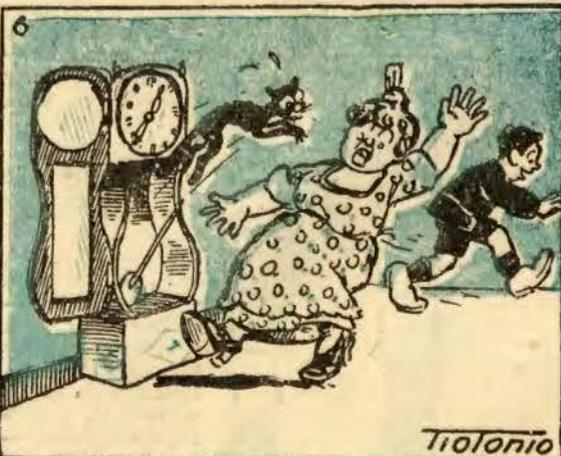
4 Pega a seguir no Tareco, eleva o Tareco ao ar, e espirra: — *dóminus-teco...* para melhor disfarçar.

Logo a seguir, sem demora, abrindo um relógio inglês, atraza-o três quartos de hora e mete dentro o maltês.



5 Ao voltar D. Pulquéria com as latinhas de atum, pergunta a Pam, muito séria, as horas que são ao Pum.

— «No meu, são duas e dez; (volve o Pum com ar esperto) oh, êste relógio inglês, com certêsa, não está certo!»



6 Pulquéria, com grande espanto, brada então: — (o que me diz?!... vou acertá-lo...) entretanto, salta-lhe o gato ao nariz.

Tiolonio